

Rio de Sangue

Erick Zickwolff

[Mestre em Turismo pela UFF. Docente da Faetec-RJ]

Dia treze de março de 2024, Cidade do Rio de Janeiro. No bairro de Jardim Sulacap, Zona Oeste carioca, pouco depois das sete horas da manhã, um policial militar é morto após reagir a uma tentativa de assalto durante um arrastão em uma das ruas mais movimentadas da região. A alguns quilômetros dali, na Rodoviária Novo Rio, a principal da cidade, por volta das três horas da tarde, um homem compra uma passagem com destino a Juiz de Fora, Minas Gerais, e embarca no ônibus com uma pistola. Depois de disparar dez vezes, e atingir com duas balas um dos passageiros, que após passar por muitas horas de cirurgia, encontra-se em estado crítico de saúde, ele faz as demais pessoas dentro do veículo de reféns por quase quatro horas. Pelas ruas, nos noticiários, nos corredores das empresas e escritórios, nas redes sociais, todos dizem a mesma coisa: o Rio de Janeiro está mais violento a cada dia que passa. Após coçar um pouco a cabeça, inocentemente, perguntei a mim mesmo: E quando é que esta cidade não foi violenta? O embrião da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro foi gerado no dia primeiro de março de 1565, onde fora lançada sua pedra fundamental, em uma pequena faixa de terra ligando os morros Cara de Cão e Pão de Açúcar, na região do atual bairro da Urca. E seu “nascimento” se deu devido às incursões francesas ao litoral da Baía da Guanabara, em anos anteriores, o que fez com que os portugueses resolvessem tomar posse das terras por eles “descobertas” algum tempo antes. Os franceses haviam feito “amizade” com membros da tribo indígena dos Tamoios. Seus inimigos ancestrais, os Temiminós, cujo cacique à época era Arariboia (Cobra da Tempestade) forjou aliança com os lusos e, então, o cenário de guerra estava formado. Em 1567, após a fatídica Batalha de Uruçumirim (aldeamento tamoio que se encontrava no atual Outeiro da Glória), os portugueses com seus aliados expulsaram os franceses e dizimaram a tribo tamoia (mais de 600 mortos). Durante os combates, o “fundador” Estácio de Sá é ferido por uma flecha envenenada no olho e morre, semanas depois. Neste mesmo ano de 1567 o núcleo da cidade é transferido para o alto do Morro do Castelo, e o então pequeno Rio de Janeiro, sob as bênçãos de São Sebastião, pôde seguir seu processo de crescimento, após seu batismo de sangue. Isto me parece um início um pouco violento.

Violento também foi o processo de desmonte deste “berço” carioca. No ano de 1922 os últimos vestígios do que foi, um dia, o Morro do Castelo, serviu de aterro para novas áreas da região central da cidade. As casas, igrejas, as lojas, tudo foi posto no chão. Todas as pessoas que lá viviam (humildes em sua quase totalidade) foram obrigadas a procurar um novo endereço, tudo para que o Rio passasse a ter um “ar” parisiense, atendendo aos anseios dos detentores de poder e do dinheiro. Talvez o caso carioca seja único no mundo, o arrasamento proposital do seu núcleo natal. Isto não é violência? E o que dizer da expulsão de milhares de residentes das casas da cidade quando da chegada do Príncipe Regente D. João VI em fuga com sua corte, em 1808? Violência? A execução, pela força, de Tiradentes e o posterior esarteamento de seu corpo para servir de exemplo? E os negros escravizados mandados à Guerra do Paraguai no lugar de seus “amos”? E a escravidão em si, que povoou a cidade com gente arrancada à sua terra natal, trazida em navios negreiros (tumbeiros), vendidos como mercadoria na região do antigo Cais do Valongo e forçados a extenuantes horas de trabalho não remunerado, humilhações e açoitamentos? E a pseudo “libertação dos escravos”, que negou àqueles homens e mulheres seus direitos mais básicos e a cidadania, lançando-os, em sua esmagadora maioria, ao “Deus dará”? João Cândido e sua revolta da chibata? O episódio dos 18 do Forte? As primeiras décadas da república, com a perseguição à cultura e à religiosidade afro-brasileira, criminalizando a capoeira, a roda de samba e o candomblé? Os Anos de Chumbo da ditadura cívico-militar, com seus porões de tortura e assassinato? Os mandos e desmandos dos chefes do jogo do bicho? O surgimento do tráfico de drogas? A criação das milícias, como resposta ao tráfico? Toda a corrupção de seus governantes através dos tempos? Tudo isto não é violência? Traçando um paralelo com a crença nos Orixás (trazida para o Brasil por aqueles homens e mulheres cruelmente escravizados, em sua diáspora), para que haja Axé (força vital), é necessária a oferta de sangue. Não é de hoje que o solo da cidade do Rio de Janeiro mata sua sede da mesma forma, o que talvez seja a razão pela qual o Rio, apesar de tudo, mantenha sua alcunha de Cidade Maravilhosa. E como dizemos por aqui, valeu sangue bom!